A Europa dos desafios humanitários

La Europa de los desafios humanitarios

The Europe of humanitarian challenges

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo: No informe Europa, Freire traz o agravamento dos impactos das mudanças climáticas no continente. Se antes o destaque era o calor extremo, agora os incêndios florestais dominam o cenário, provocando evacuações em massa, mais mortes e o surgimento das chamadas "nuvens de fogo", que favorecem a propagação das chamas. Especialistas apontam que, além das mudanças climáticas, a expansão de florestas de monocultura e o manejo inadequado do solo contribuem para a intensidade dos incêndios. Diante desse cenário, a OMS Europa reforçou a necessidade de planos nacionais para enfrentar ondas de calor, integrando alertas meteorológicos, ações de saúde pública e proteção aos grupos mais vulneráveis. A entidade também alertou para os riscos da fumaça dos incêndios, que pode se espalhar por grandes distâncias e causar problemas respiratórios e cardiovasculares, recomendando medidas de proteção individual e o fortalecimento da resposta dos serviços de saúde. O informe também aborda outros temas prioritários para a saúde na região, como combate às hepatites virais e o aumento dos casos do vírus do Nilo Ocidental em diversos países europeus. A OMS chamou atenção para o rápido avanço da inteligência artificial na saúde sem regulamentação adequada, defendeu maior governança, capacitação profissional e cooperação internacional, incluindo uma futura iniciativa entre países lusófonos. O documento encerra destacando a crise migratória em Ceuta, onde a entrada de dezenas de milhares de migrantes em apenas um dia provocou uma emergência humanitária e reacendeu o debate sobre imigração, desinformação e controle das fronteiras externas da União Europeia.

Palavras-chave: União Europeia; Mudanças climáticas; Calor; OMS Europa; crise migratória.

***Resumen**: En el Informe Europa, Freire destaca el agravamiento de los impactos del cambio climático en todo el continente. Mientras que la edición anterior se centró en el calor extremo, ahora los incendios forestales ocupan el centro de la escena, provocando evacuaciones masivas, un aumento del número de víctimas mortales y la aparición de las llamadas **"nubes de fuego"**, que pueden intensificar y propagar las llamas. Los expertos señalan que, además del cambio climático, la expansión de los bosques de monocultivo y la gestión inadecuada del suelo han contribuido a la gravedad de estos incendios. Como respuesta, la OMS Europa ha reforzado la necesidad de contar con planes nacionales de acción frente al calor extremo que integren alertas meteorológicas, medidas de salud pública y protección para las poblaciones más vulnerables. La organización también ha advertido sobre los riesgos para la salud derivados del humo de los incendios forestales, que puede desplazarse a grandes distancias y provocar problemas respiratorios y cardiovasculares, recomendando medidas de protección individual y un mayor fortalecimiento de la preparación y la respuesta de los servicios de salud. El informe también aborda otras prioridades sanitarias de la región, entre ellas los esfuerzos para eliminar las hepatitis virales y el aumento de los casos del virus del Nilo Occidental en varios países europeos. Además, la OMS ha llamado la atención sobre la rápida adopción de la inteligencia artificial en la atención sanitaria sin una regulación adecuada, defendiendo una mayor gobernanza, la*

capacitación de los profesionales de la salud y la cooperación internacional, incluida una futura iniciativa entre los países de habla portuguesa. El informe concluye con un análisis de la crisis migratoria en Ceuta, donde la llegada de decenas de miles de migrantes en un solo día desencadenó una emergencia humanitaria y reavivó el debate sobre la inmigración, la desinformación y la gestión de las fronteras exteriores de la Unión Europea.

Palabras clave: *Unión Europea; Cambio climático; Calor; OMS Europa; crisis migratoria.*

Abstract: *In the Europe Report, Freire highlights the worsening impacts of climate change across the continent. While the previous edition focused on extreme heat, wildfires have now taken center stage, triggering mass evacuations, a rising death toll, and the emergence of so-called "fire clouds," which can intensify and spread the flames. Experts point out that, in addition to climate change, the expansion of monoculture forests and inadequate land management have contributed to the severity of these fires. In response, WHO/Europe has reinforced the need for national heat-health action plans that integrate meteorological warnings, public health measures, and protection for the most vulnerable populations. The organization has also warned about the health risks posed by wildfire smoke, which can travel long distances and cause respiratory and cardiovascular problems, recommending personal protective measures as well as stronger preparedness and response by health services. The report also addresses other health priorities in the region, including efforts to eliminate viral hepatitis and the increase in West Nile virus cases across several European countries. In addition, WHO has drawn attention to the rapid adoption of artificial intelligence in health care without adequate regulation, calling for stronger governance, workforce training, and international cooperation, including a future initiative among Portuguese-speaking countries. The report concludes by examining the migration crisis in Ceuta, where the arrival of tens of thousands of migrants in a single day triggered a humanitarian emergency and reignited the debate over immigration, disinformation, and the management of the European Union's external borders.*

Keywords: *European Union; Climate change; Heat; WHO Europe; migration crisis.*

O calor segue sendo o destaque do informe Europa, só que agora vem acompanhado do fogo. No caderno 11, o retrato era de asfalto derretendo e a discussão era sobre a adoção do uso do ar-condicionado em larga escala. Trinta dias depois, o cenário é de incêndios florestais e números recordes de mortes diretamente associadas ao calor. Na França e na Espanha, centenas de milhares de pessoas foram obrigadas a abandonar suas casas. A espantosa novidade desta temporada de seca, calor e fogo no verão europeu, são as chamadas nuvens de fogo: formadas calor das queimadas, elas podem produzir raios e rajadas de vento capazes de iniciar novos focos e ampliar ainda mais a propagação das chamas[1].

Especialistas alertam que florestas de monocultura contribuem para o surgimento e o agravamento dos mega incêndios que atingem o sul da Europa anualmente, há anos. A principal causa apontada para a temporada de incêndios de 2026, vem do contato de máquinas com a vegetação seca, o que não explica a proporção assumida por eles. Para compreender a magnitude do fenômeno, seria preciso acrescentar uma combinação de mudanças climáticas,

[1] https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2026/08/03/animais-resgatados-familias-evacuadas-e-cidades-cobertas-por-fumaca-o-drama-dos-incendios-florestais-na-europa.ghtml. Acesso em 03/08/2026.

planejamento insuficiente e o plantio das florestas, que favorece a rápida propagação das chamas. Para os cientistas, três são os fatores que determinam a velocidade de espalhamento de um incêndio: a quantidade de vegetação disponível para queimar, o grau de ressecamento desta vegetação e as condições meteorológicas ao redor do fogo. Estes incêndios estão ocorrendo em locais com árvores altamente inflamáveis, relativamente finas e que crescem muito próximas umas das outras, facilitando o alastramento do fogo. Uma outra ocupação dos solos florestais poderia atenuar os incêndios, substituindo monoculturas por florestas com maior diversidade de espécies que resistam melhor à seca e a tempestades de ventos, por reagirem de maneiras distintas aos estresses ambientais. Outras sugestões são a criação de espaços entre as fileiras de árvores para desacelerar a propagação do fogo e a poda de galhos mais baixos para dificultar o acesso das chamas às copas das árvores, bem como a limpeza dos solos, retirando filhas secas inflamáveis e madeira morta. As mudanças climáticas intensificam e tornam comuns estas condições propícias aos grandes incêndios, que agravam a crise emitindo ainda mais gás carbônico no ambiente, tornando-se um problema que se retroalimenta.

Sob a liderança do diretor regional Hans Kluge, a OMS Europa realizou uma reunião que contou com representantes de 41, dos 53 países da região, para avaliar os impactos da atual onda de calor e a preparação para os próximos eventos[2]. O encontro mostrou a importância de planos de ação para calor extremo para salvar vidas. Países como Itália, Espanha, Áustria, Bélgica, França e Macedônia do Norte conseguiram responder de forma rápida e coordenada, utilizando sistemas de monitoramento, comunicação de riscos, proteção aos trabalhadores e apoio a populações vulneráveis. Segundo a Organização, esses planos integram alertas meteorológicos com ações de saúde pública, planejamento hospitalar, assistência a grupos de maior risco e coordenação entre diferentes setores do governo. Quando preparados com antecedência, eles ajudam a evitar mortes e reduzem a sobrecarga dos sistemas de saúde.

Apesar dos avanços, a OMS destaca que menos da metade dos países da Região Europeia possui um plano nacional de ação para ondas de calor. Entre os principais desafios estão a baixa percepção do risco pela população, a falta de espaços de resfriamento, atrasos na declaração oficial de ondas de calor e a dificuldade em proteger grupos vulneráveis, como idosos, pessoas em situação de rua e moradores de instituições de longa permanência. A OMS Europa pretende compartilhar as lições aprendidas, oferecer apoio técnico aos países e fortalecer a cooperação entre setores como saúde, meio ambiente, planejamento urbano e gestão de emergências. O objetivo é melhorar a resposta imediata às próximas ondas de calor e construir sistemas de saúde mais preparados para enfrentar eventos climáticos extremos.

A fumaça emanada pelos incêndios florestais também está no radar da OMS Europa, que emitiu um alerta sobre este risco à saúde frequentemente subestimado, por poder se espalhar por grandes distâncias, afetando a qualidade do ar em regiões, países e até continentes distantes do fogo. A fumaça contém gases tóxicos e partículas finas, capazes de penetrar profundamente nos pulmões e na corrente sanguínea, provocando irritação nos olhos e na garganta, tosse, dores de cabeça, falta de ar e agravamento de doenças respiratórias e cardiovasculares. Crianças, idosos, gestantes, pessoas com doenças crônicas, pessoas em situação de rua e trabalhadores expostos ao ar livre estão entre os grupos mais vulneráveis. A recomendação é para que as pessoas acompanhem os alertas oficiais sobre qualidade do ar,

[2] https://www.who.int/europe/news/item/07-07-2026-statement---extreme-heat--more-deadly-weeks-may-still-lie-ahead-for-the-european-region. Acesso em 03/08/2026.

permaneçam em ambientes fechados com portas e janelas fechadas quando a fumaça estiver intensa, usem máscaras do tipo FFP2 ou N95 ao sair, reduzam atividades ao ar livre e evitem fontes de poluição dentro de casa. Em situações de fumaça combinada com ondas de calor, orienta-se utilizar ventiladores apenas para circular o ar interno e manter o ar-condicionado no modo de recirculação. Além das medidas individuais, a organização destaca a importância de serviços públicos preparados para informar a população, oferecer atendimento médico, disponibilizar locais com ar limpo e refrigeração e garantir suporte às pessoas mais vulneráveis[3].

Em declaração feita em Lisboa, Kluge fez um alerta importante sobre o uso da Inteligência Artificial na Saúde: sua adoção está avançando mais rapidamente do que sua regulamentação. Embora apenas 8% dos países da Região Europeia possuam uma estratégia específica para IA na saúde, quase dois terços já utilizam a tecnologia em diagnósticos e metade emprega *chatbots* para atendimento a pacientes. Uma pesquisa da OMS com 53 países mostrou que 98% veem a melhoria do cuidado ao paciente como o principal motivo para adotar IA. No entanto, a OMS alertou para lacunas importantes na governança: poucos países oferecem formação em IA para profissionais de saúde, menos da metade revisou sua legislação sobre o tema e cerca de 40% ainda não possuem diretrizes éticas para o uso da tecnologia. Segundo Kluge, essa falta de regulamentação pode aumentar o risco de diagnósticos incorretos, erros clínicos e perda de confiança da população nos sistemas de saúde. Para enfrentar esses desafios, a OMS defende três prioridades: desenvolver estratégias nacionais de governança da IA, fortalecer a cooperação internacional e ampliar a capacitação dos profissionais de saúde. O diretor também destacou o potencial da cooperação entre os países de língua portuguesa — como Portugal, Brasil, Angola e Moçambique — e anunciou a proposta de criar um Roteiro de Cooperação Lusófona em IA e Saúde, com lançamento previsto para a Cúpula Regional de Saúde, no Brasil, em 2028.

No Dia Mundial da Hepatite 2026, a OMS Europa destacou que a Região Europeia avançou significativamente no combate às hepatites virais, mas ainda enfrenta desafios para atingir a meta de eliminação da doença até 2030. Os dados mostram que a prevalência da hepatite B em crianças menores de 5 anos caiu para 0,06%, superando a meta global de eliminação. Desde 2015, as novas infecções por hepatite B diminuíram 54%, enquanto as de hepatite C caíram 28%. Além disso, o número de pessoas vivendo com hepatite C reduziu 29%, e a mortalidade relacionada à doença caiu 33% na última década. Apesar desses avanços, cerca de 9,7 milhões de pessoas vivem com hepatite B e 5,6 milhões com hepatite C na Região Europeia. Apenas 23% das pessoas com hepatite B foram diagnosticadas, e somente 4,2% recebem tratamento, o que mantém elevadas as mortes por cirrose e câncer de fígado. A OMS ressalta que o principal desafio atual não é mais a prevenção, mas sim ampliar o diagnóstico e o acesso ao tratamento[4].

A OMS Europa alertou para o aumento dos casos de vírus do Nilo Ocidental em partes da Europa e recomendou o reforço da vigilância de mosquitos e das medidas de prevenção. Embora o risco para a maioria das pessoas seja considerado baixo, moradores e viajantes de

---

[3] https://www.who.int/europe/news/item/31-07-2026-wildfire-smoke--a-frequently-underestimated-health-risk. Acesso em 03/08/2026.

[4] https://www.who.int/europe/news/item/28-07-2026-world-hepatitis-day-2026--progress-made-against-hepatitis-in-europe--but-millions-still-miss-out-on-diagnosis-and-treatment. Acesso em 03/08/2026.

áreas afetadas devem adotar cuidados para evitar picadas. Até julho de 2026, a Grécia registrou 21 casos, a maioria com formas graves da doença, como encefalite e meningite. A Itália também confirmou 21 casos distribuídos em 17 áreas, enquanto Macedônia do Norte, Romênia e Espanha relataram casos autóctones. O vírus é transmitido pela picada de mosquitos infectados, que adquirem o vírus ao se alimentarem de aves. A maioria das infecções é assintomática, mas cerca de 1 em cada 150 pessoas infectadas desenvolve doença neurológica grave, que pode ser fatal. Não existe vacina para humanos nem tratamento antiviral específico, sendo o cuidado baseado no controle dos sintomas e suporte hospitalar nos casos graves. Como forma de prevenção, a organização recomenda usar roupas que cubram a maior parte do corpo, aplicar repelentes, instalar telas em portas e janelas, utilizar mosquiteiros e eliminar água parada para reduzir a proliferação dos mosquitos. Entre os sintomas mais comuns estão febre, dor de cabeça, fadiga, dores no corpo e erupções cutâneas. Casos graves podem causar febre alta, rigidez na nuca, confusão mental, convulsões, fraqueza muscular, paralisia e coma, exigindo atendimento médico imediato.

O informe se encerra com a crise migratória de grandes proporções em Ceuta, cidade autônoma da Espanha, localizada em continente africano e que faz fronteira com o Marrocos. Em aproximadamente 24 horas, dezenas de milhares de migrantes atravessaram a fronteira a nado, apenas com as roupas do corpo, após ampla divulgação de notícias falsas divulgadas em redes sociais, afirmando que eles não seriam deportados do território espanhol. As estimativas variam de 60mil a 70 mil de pessoas — a maioria jovens, incluindo menores desacompanhados — tentando entrar em uma cidade de 84 mil habitantes, ou seja, praticamente dois terços da população. A entrada em massa gerou uma grande crise que sobrecarregou as forças de segurança e os serviços públicos de Ceuta, gerando uma emergência humanitária, sem falar nas lamentáveis dezenas de mortes por afogamento. Após o reforço da segurança pela Espanha, a maioria dos migrantes voltou voluntariamente ao Marrocos nos dias seguintes.

A origem do aumento repentino tem sido assunto de debates e especulações. Segundo autoridades espanholas, redes de tráfico de pessoas e uma campanha de desinformação nas redes sociais teriam levado muitos migrantes a acreditar que seria mais fácil permanecer na Espanha após uma recente decisão judicial sobre deportações de chegadas por via marítima. Também houve especulações de que o controle fronteiriço marroquino tenha sido temporariamente relaxado em meio a tensões diplomáticas entre Espanha e Marrocos, embora não haja confirmação conclusiva dessa hipótese. Há quem sugira uma manobra de Trump para retaliar, isolar (e punir) Pedro Sanchez, que se recusa a permitir o uso de bases militares espanholas para ataques ao Irã, além de suas posições políticas de enfrentamento aos governos dos EUA e de Israel.

A crise reacendeu o debate sobre imigração e controle das fronteiras externas da União Europeia, além de provocar reações de diversos governos europeus, como o da Itália que sugeriu a retirada da Espanha do Espaço de Schengen, comprometendo a livre-circulação de pessoas, pilar fundamental da constituição da União Europeia.

Considerações Finais

A crise migratória de Ceuta ainda é objeto de muita especulação sobre suas causas. De concreto, por enquanto, apenas o fato de milhares de marroquinos desesperados, fugindo de situações de pobreza e vulnerabilidade social tentando uma vida melhor. É desconfortante pensar na profundidade das motivações que levam estes migrantes a arriscarem suas vidas no

mar. Também é um fato inconteste a ação ter sido coordenada, só não se sabe por quem: se por redes de tráfico humano, se por motivações geopolíticas, o que caracterizaria uma guerra híbrida e o pior: o uso do sofrimento humano como armas para fins políticos. As redes sociais que serviram de plataforma para a disseminação da "oportunidade" precisam ser investigadas e responsabilizadas, não lhes cabendo o véu de neutralidade. Caso as motivações sejam de retaliação ao governo espanhol.